**PERITONITE INFECCIOSA FELINA: CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS E ABORDAGENS DIAGNÓSTICAS**

Granja, Luan Bruno 1

Duarte, Mariana Lima 2

Bulhões, Apolônia Agnes Vilar de Carvalho 3

Graceli, Natieli Dias4

E Silva, Liziane Paula de Farias5

De Araújo, Beatriz Fernandes 6

Dos Santos, Eloísa Ribeiro 7

De Araújo, Sabrina Bezerra 8

Dos Santos, Jessica Fernanda Amorim 9

Diniz, Lívia Mara Guerra10

Costa, Luana Henriques 11

**RESUMO:** A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral, progressiva e fatal, causada pela mutação do Coronavírus Felino (FCoV). Afeta gatos domésticos e selvagens, sendo caracterizada por uma infecção que se manifesta de forma efusiva ou não efusiva, dependendo da resposta imunológica do animal. A forma efusiva está associada a uma resposta imunológica humoral intensa, enquanto a forma seca apresenta lesões granulomatosas e uma resposta celular moderada. A infecção é transmitida por fezes, secreções oronasais e transplacentária. Objetiva-se compreender os mecanismos envolvidos no desenvolvimento da PIF, identificar os fatores de risco, explorar as formas clínicas da doença, além de discutir os métodos diagnósticos e a evolução do quadro. A metodologia envolveu a revisão bibliográfica de diversos estudos sobre a doença, incluindo análises de observações clínicas, dados laboratoriais e estratégias diagnósticas, com base em publicações em português e inglês. Os resultados encontrados indicam que a PIF tem maior prevalência em gatos com idades entre 6 e 24 meses, ou acima de 13 anos, sendo mais frequentemente observada em machos. A infecção se espalha pelo corpo do animal, afetando vários órgãos, principalmente o Sistema Nervoso Central, o trato respiratório e o sistema linfático. O diagnóstico da PIF é complexo devido à manifestação clínica inespecífica e ao longo tempo de incubação do vírus, sendo geralmente realizado por meio da exclusão de outras doenças, além de exames laboratoriais e histopatológicos. Conclui-se que a PIF é uma doença com um prognóstico negativo, pois não existem tratamentos eficazes para interromper sua progressão. A prevenção, por meio do controle da transmissão em ambientes de alta densidade populacional, é fundamental para reduzir o risco de infecção. Apesar dos avanços na compreensão da doença, ainda não há terapias que possam mudar seu curso fatal, reforçando a necessidade de medidas preventivas para proteger os felinos da infecção.

**Palavras-Chave:** Vírus; SNC; FCoV.

**E-mail do autor principal:** [luangranja48@gmail.com](mailto:luangranja48@gmail.com)

1Medicina Veterinária, Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Grande, UFCG, campus de Patos-PB, e-mail: [luangranja48@gmail.com](mailto:luangranja48@gmail.com)

2Médica Veterinária, formada pela Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, campus de Patos-PB, e-mail: [mariianalimaduarte@gmail.com](mailto:mariianalimaduarte@gmail.com)

3Médica Veterinária, formada pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Ciência Veterinária – UFRPE, e-mail: agnes.carvalho.14@gmail.com

4Médica veterinária, formada pela Universidade Vila Velha, Mestranda em Ciência Animal- UFAL, e-mail: natieligraceli@gmail.com

5Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Brasileiro, e-mail: lifasil@hotmail.com

6 Discente do curso de Medicina Veterinária da UNINASSAU, e-mail: belatriz.medvet@gmail.com

7 Discente do curso de Medicina Veterinária da UNESP, e-mail: lolo.ribeiro.santos@hotmail.com

8 Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Unigranrio/Afya, e-mail: sabrinaaraujo489@gmail.com

9 Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Norte do Tocantins

, e-mail: [karine.luz@ufnt.edu.br](mailto:karine.luz@ufnt.edu.br)

10 Discente do curso de Medicina Veterinária pela Faculdade Rebouças, Campina Grande,. E-mail: [liviaguerra.doc@gmail.com](mailto:liviaguerra.doc@gmail.com)

11 Discente do curso de Medicina Veterinária pela Universidade de Cuiabá - UNIC email: amorimjessica10@gmail.com

1. **INTRODUÇÃO**

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral altamente fatal, causada pelo Coronavírus Felino (FCoV), que afeta gatos domésticos e selvagens, representando um desafio significativo na medicina veterinária. Apesar de sua descrição inicial na década de 1960, a doença ainda persiste como uma das principais causas de morte em felinos, com uma evolução rápida e formas clínicas difíceis de diagnosticar (OLIVEIRA et al., 2003; SANTOS; ALESSI, 2016). A mutação do vírus entérico (FECV) para a forma mais virulenta (FIPV) permite que ele afete diversos órgãos e sistemas, levando a manifestações clínicas variadas, como ascite, hidrotórax e comprometimento neurológico, complicando o diagnóstico precoce e o tratamento eficaz (LITTLE, 2012). Este trabalho tem como objetivo revisar os principais aspectos da PIF, incluindo seus mecanismos de transmissão, formas clínicas, diagnóstico e fatores de risco, com a finalidade de fornecer informações atualizadas para o manejo da doença em felinos.

**2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi realizada uma revisão narrativa de literatura, com pesquisa em base de dados da plataforma Google acadêmico, além do uso de livros de medicina veterinária nas áreas de clínica médica de pequenos animais, medicina felina e patologia animal. O levantamento bibliográfico foi realizado mediante leitura e análise dos livros e artigos científicos selecionados e delimitados pelo período de 2001 a 2020, com ênfase nos mais recentes, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Quanto aos critérios de inclusão utilizados, foram relevantes o idioma (português, inglês e espanhol), buscando pelas palavras chaves: PIF; felino: coronavírus felino.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

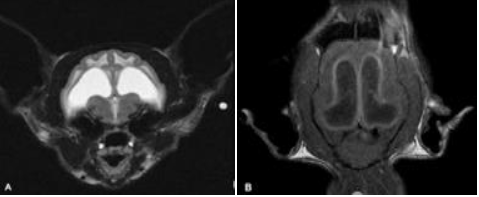
A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral, sistêmica, progressiva, imuno-mediada e fatal. Descrita pela primeira vez na década de 1960, a doença é atualmente registrada em diversas regiões do mundo (OLIVEIRA et al., 2003; SANTOS; ALESSI, 2016). Seu agente etiológico é o Coronavírus Felino (FCoV), que afeta todas as espécies da família Felidae, incluindo felinos domésticos (gatos) e felinos selvagens. O coronavírus pode causar uma doença intestinal leve (FECV) ou evoluir para a PIF (FIPV). Observações genéticas indicam que a PIF resulta de uma mutação do coronavírus entérico (FECV) para FIPV, o que permite ao vírus infectar macrófagos, facilitando a disseminação sistêmica da doença. A gravidade dos sinais clínicos depende da suscetibilidade do hospedeiro, da resposta imunológica específica e das cepas virais (LITTLE, 2012; SANTOS; ALESSI, 2016). O vírus é excretado nas fezes e secreções oronasais, possibilitando sua transmissão por ingestão ou inalação (NELSON; COUTO, 2001), sendo também possível a infecção transplacentária. A PIF acomete gatos de qualquer idade, sendo mais prevalente entre 6 e 24 meses e em felinos com mais de 13 anos, sem predileção de sexo, embora relatos indicam maior incidência em machos (SANTOS; ALESSI, 2016). Em estudo de Oliveira et al. (2003) com 13 gatos, doze (92,30%) eram de raça definida. Fatores como estresse, predisposição genética, doenças concomitantes, via de infecção e imunocompetência mediada por células também podem contribuir para o desenvolvimento da doença. A infecção por vírus da leucemia felina (FeLV) ou por imunodeficiência felina (FIV) pode acelerar a progressão da infecção pelo coronavírus (SANTOS; ALESSI, 2016). Gatos que vivem em locais de alta densidade populacional apresentam maior risco de infecção devido à maior prevalência viral e aumento do número de cepas do FIPV nesses ambientes (OLIVEIRA et al., 2003).

Após a infecção, o vírus se replica localmente nas células epiteliais do trato respiratório superior ou da orofaringe, levando à produção de anticorpos antivirais. O vírus é captado por macrófagos e disseminado por todo o organismo. A PIF pode se manifestar de duas formas: efusiva (úmida) e não efusiva (seca), com base na quantidade de derrame cavitário (ascite ou hidrotórax) (OLIVEIRA et al., 2003). A forma efusiva ocorre em gatos com resposta humoral intensa, mas com resposta celular fraca ou inexistente, resultando em vasculite, aumento da permeabilidade vascular e exsudação cavitária devido à deposição de imunocomplexos na parede vascular e ativação do complemento. Outros sinais incluem polisserosites fibrinosas, efusões, febre, apatia, anorexia, dificuldade respiratória, linfadenomegalia e icterícia. Já a forma não efusiva (seca) está associada a uma resposta humoral com reação celular moderada, sendo caracterizada por múltiplos nódulos em órgãos como rins, linfonodos viscerais, fígado, intestino e pulmões, com lesões também no cérebro e/ou medula espinhal. Microscopicamente, observam-se granulomas ou piogranulomas perivasculares associados à vasculite ou trombovasculite sistêmica (SANTOS; ALESSI, 2016; TILLEY; SMITH JR, 2003).

A PIF é um dos distúrbios inflamatórios mais comuns e clinicamente importantes no Sistema Nervoso Central, estando presente em cerca de 48% dos casos de doenças neurológicas infecciosas em gatos. Os sinais neurológicos são mais frequentes na forma seca da doença (LITTLE, 2012). Após infectar os monócitos, o vírus se espalha para as tonsilas, epitélio da faringe, mucosa respiratória e intestino delgado (NELSON; COUTO, 2001), propagando-se via sistema monocítico-fagocitário e afetando outros órgãos. Algumas células infectadas podem alcançar as meninges, região caudal e ventral do cérebro, ao redor dos ventrículos, dura-máter da medula espinhal, úvea e retina (SILVA, 2013). Sinais clínicos que envolvem a região cerebelomedular são comuns, com o animal apresentando convulsões, ataxia, paresia espástica, inclinação da cabeça, nistagmo e cegueira. Outros sinais não neurológicos incluem uveíte, coriorretinite, infecções respiratórias, linfadenopatia mesentérica, desidratação, perda de peso e, quando a doença causa meningite, o animal pode apresentar déficits de propriocepção, tremores, hiperestesia, alterações comportamentais, apreensão e febre sem causa aparente, refletindo danos no tecido nervoso subjacente. Há também a possibilidade de comprometimento do plexo coróide e do epêndima, ocasionando obstrução do aqueduto mesencefálico e resultando em hidrocefalia, diagnosticada por radiologia ou tomografia computadorizada (LITTLE, 2012; OLIVEIRA et al., 2003).

O diagnóstico *antemortem* da PIF é desafiador devido às manifestações clínicas inespecíficas e ao tempo de incubação prolongado. Entretanto, em muitos casos, o diagnóstico pode ser orientado pela anamnese, achados clínicos, exames laboratoriais e exclusão de doenças semelhantes. O PCR é uma alternativa de diagnóstico direto, realizado com líquidos de derrame abdominal ou tecidos, embora com sensibilidade limitada. A biópsia de tecidos ou líquidos também pode auxiliar no diagnóstico. A ressonância magnética é útil em casos de suspeita de PIF intracraniana, auxiliando no diagnóstico e descartando outras doenças neurológicas (figura 1).

**Figura 1-** Ressonância Magnética axial em T2 e T1 de gato. **Fonte:** Extraído de Little, 2015, p. 1062.



Exames *post-mortem* são os únicos que confirmam a doença, sendo a análise histopatológica dos órgãos afetados e a imunohistoquímica para detecção de antígenos do coronavírus felino os testes confirmatórios. O prognóstico é negativo, já que não existem tratamentos eficazes para a doença, que é altamente fatal, com a morte do animal ocorrendo em semanas ou meses (BARATTO, 2020; LITTLE, 2012; OLIVEIRA et al., 2003).

**4. CONCLUSÃO**

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) continua sendo uma doença viral de grande impacto na saúde dos felinos, com evolução rápida e fatal. Apesar dos avanços na compreensão da doença, o diagnóstico precoce ainda é desafiador devido às manifestações clínicas inespecíficas e à falta de testes definitivos. A infecção é transmitida principalmente por fezes e secreções oronasais, sendo mais comum em ambientes com alta densidade populacional. As formas clínicas variam entre efusiva (úmida) e não efusiva (seca), com implicações diferentes no tratamento e prognóstico. Infelizmente, não há tratamentos eficazes, e o prognóstico é negativo para a maioria dos casos. A prevenção, por meio do controle da transmissão, continua sendo a medida mais eficaz. Este estudo reforça a necessidade de mais pesquisas para o desenvolvimento de métodos diagnósticos mais precisos e terapias que possam alterar o curso da doença.

**REFERÊNCIAS**

BARATTO, C. M.; **Relatórios de Estágio Curricular Obrigatório: Clínica Médica de Gatos.** 2020. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharel em Medicina Veterinária), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2020.

LITTLE, S. E.; **O Gato: medicina interna.** 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

NELSON. R. W; COUTO, C. G. **Fundamentos de Medicina Interna de Pequenos Animais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Afiliada, 2001.

OLIVEIRA, F. O.; RAFFI, M. B.; SOUZA, T. M.; BARROS, C. S. L. B. Peritonite infecciosa felina: 13 casos. **Ciência Rural.** Santa Maria, v. 33, n. 5, p. 905-911. 2003.

SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. **Patologia veterinária.** 2. ed. Rio de janeiro: Roca, 2016.

SILVA, F. M. G. V. **Avaliação da carga viral do Coronavírus felino e sua relação com o perfil de expressão de mediadores imunitários, em animais portadores e com Peritonite Infecciosa.** Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Portugal, 2013.

TILLEY, L.P.; JR, F.W.K.S. **Consulta Veterinária em 5 minutos Espécies Canina e Felina.** 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.